

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

paradise

SIGA A NOSSA ESCOLHA
FOLLOW OUR CHOICE

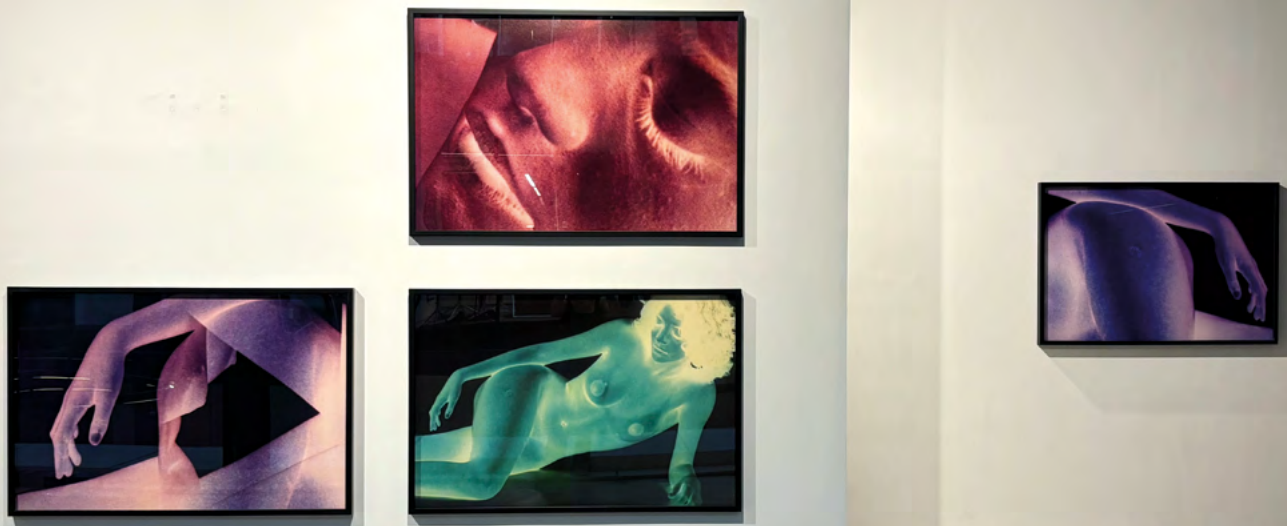
MILANO DESIGN WEEK

PORTUGAL CONT. 10,00 € - BE/FR/IT/ESP 14 € - NL/GR 15 € - DE 16 € - UK/ET 14 - Suisse 16 CHF - Morocco 10 MAD - USA 28,95 \$ - Canada 26,95 CAD / Bimestral

9 771640 11450074



00124



True Colors

True Colors é a música de Cyndi Lauper, um hino à valentia e à coragem, e foi este título que serviu como chave para abrir o conceito da exposição patente até o fim de Setembro na Fundação Vasco Vieira da Almeida, em Lisboa. A curadoria exige mediação, criação de narrativa, de mensagem. O meu trabalho de curadora é um trabalho de equilibrista, de mediadora entre os artistas e a instituição, entre a obra e o público, mas também de elemento catalisador que propõe novas leituras e que se posiciona criticamente.

Selecionei as obras de arte pelo seu significado, pela sua importância para comunicar a mensagem da exposição. Nesta mostra, *True Colors*, escolhi não só as obras de arte, mas também as mulheres, pela sua força, valentia, honestidade, cuidado com os frágeis, os esquecidos, pelo seu percurso, pela sua forma de ver o mundo; são mulheres, de coragem e bravura, que representam também uma geração de artistas. Uma exposição essencialmente feminina que nos fala de preocupações deste universo.

Aqui reúno seis entrevistas realizadas às artistas, expondo a sua relação com a cor e a importância da mesma nas suas obras. Um documento como um legado, uma exposição partilhada em texto e em imagens, e um convite para ir a Lisboa, até à Fundação Vasco Vieira de Almeida. ^A

True Colors the song by Cyndi Lauper, is an anthem to bravery and courage, and it was this title that provided the key to unlocking the concept behind the exhibition running until the end of September at the Vasco Vieira da Almeida Foundation in Lisbon. Curating requires mediation, the creation of a narrative, a message. My work as a curator is akin to that of a tightrope walker, a mediator between the artists and the institution, between the work and the public, but also a catalyst that proposes new interpretations and takes a critical stance.

I selected the works of art for their meaning, for their importance in communicating the exhibition's message. In this exhibition, *True Colors*, not only did I choose the works of art, I also chose the women, for their strength, courage, honesty, concern for the fragile and the forgotten, for their journey, for their way of seeing the world; they are women of courage and bravery, who also represent a generation of artists. This is an essentially feminine exhibition that speaks to us of the preoccupations of this universe.

Here I bring together six interviews with the artists, revealing their relationship with colour and its importance in their work. A document as a legacy, an exhibition shared in text and images, and an invitation to visit Lisbon, to the Vasco Vieira de Almeida Foundation. ^A

Cristina Ataíde

A cor é de grande importância para mim. Cada cor tem a sua própria energia que corresponde a um comprimento de luz diferente. Usamos diferentes cores como forma de compensar a nossa energia e de a transformar. Podemos energizar ou relaxar. Foi nas minhas viagens à Índia que aprendi a usar cores fortes; aí a cor impera por todo o lado, nos saris, nos pigmentos, nos Pujas e celebrações, nos templos, e por toda a parte. A cor mostra os nossos estados de alma. A cor modifica-nos.

Fernanda Fragateiro

A cor é matéria de construção e é usada por mim quando tem um sentido muito preciso. Recordo o título de uma exposição – *Wrong Color Makes No Difference?* – que fiz em Berlim, em 2010, na galeria Arratia Beer, que questiona a introdução da cor num edifício pela mão de Le Corbusier contra o desejo da sua autora, a arquiteta Eileen Gray. Esta história demonstra como o simples acto de pintar uma cor pode ser um acto de violência. A utilização da cor não é inocente.

Cristina Ataíde

Colour is very important to me. Every colour has its own energy that corresponds to a different wavelength of light. We use different colours as a way of balancing our energy and transforming it. We can energise or relax. It was through my trips to India that I learned how to use strong colours. They reign everywhere in that country: in saris, pigments, Pujas and celebrations, temples, and everywhere else. Colour expresses our states of mind. Colour changes us.

Fernanda Fragateiro

Colour is a building material and I use it when it has a very precise meaning. I remember the title of an exhibition – *Wrong Colour Makes No Difference?* – that I did in Berlin in 2010, at the Arratia Beer gallery, which questions the introduction of colour, by Le Corbusier, into a building against the wishes of its architect, Eileen Gray. This story shows how the simple act of painting a colour can be an act of violence. The use of colour is not innocent.

"SATELLITE MIRROR" (HOMMAGE TO EILEEN GRAY), 2022,
FERNANDA FRAGATEIRO, PH. © ANTÓNIO JORGE SILVA

"GARANTIA DA ETERNIDADE", 2012, ANA PÉREZ-QUIROGA, PH. © VERÓNICA DE MELLO





"AQUARELA", 2014, JOANA VASCONCELOS, PH © VERÓNICA DE MELLO

Joana Vasconcelos

A cor desempenha um papel fundamental na minha obra, actuando como uma ferramenta expressiva que enriquece a narrativa das peças e estabelece uma ligação directa com o público. Inspiro-me frequentemente nas cores vibrantes e na luz única de Lisboa, especialmente durante a Primavera e o Verão, onde os tons das fachadas e o pôr-do-sol criam uma paleta cromática singular. Na minha obra, a decisão sobre a paleta cromática é essencial para criar um impacto visual que cativa e envolva o público. Utilizo uma variedade de texturas e técnicas no sentido de alcançar uma harmonia cromática que transforma o espaço e a obra, convidando à contemplação. É também através da cor que procuro estabelecer um diálogo entre a tradição e a contemporaneidade, recorrendo a tonalidades que evocam o património cultural português, ao mesmo tempo que recontextualizo materiais e técnicas artesanais em contextos modernos.

Ana Pérez-Quiroga

A minha relação com a cor é profundamente intuitiva e afectiva. Trabalho com um conjunto de cores e uma enorme paleta de tons – do violeta ao vermelho, passando por azul, verde, amarelo, laranja, rosa, castanho – que se articulam em composições visuais carregadas de associações psicológicas. A cor, para mim, não é apenas um elemento visual, mas uma linguagem que comunica sensações, memórias e estados de espírito. Tal como Matisse dizia que dava forma à cor, eu também me vejo nesse gesto de tornar a cor matéria sensível, forma viva. E ao fazê-lo, crio relações que não são apenas estéticas, mas também afectivas e críticas. Não sigo regras harmónicas ou sistemas cromáticos rígidos – o acaso faz parte deste jogo visual, desafiando a ideia de certo e errado, do gostar e não gostar. A cor está intimamente ligada a memórias de infância e é, para mim, um espaço de liberdade.



"CUECAS DE 39 ARTISTAS FAMOSOS", BRUNO LOPES

Joana Vasconcelos

Colour plays a fundamental role in my work, acting as an expressive tool that enriches the narrative of the pieces and establishes a direct connection with the audience.

I am often inspired by the vibrant colours and unique light of Lisbon, particularly during spring and summer, when the tones of the façades and the sunset create a unique palette of colours. In my work, deciding on the colour palette is essential to creating a visual impact that captivates and engages the audience. I use a range of textures and techniques to achieve a chromatic harmony that transforms the space and the work, encouraging contemplation. It is also through colour that I seek to establish a dialogue between tradition and contemporaneity, using shades that evoke Portuguese cultural heritage, while recontextualising materials and craft techniques in modern settings.

Ana Pérez-Quiroga

My relationship with colour is deeply intuitive and emotional. I work with a set of colours and a huge palette of shades – from violet to red, including blue, green, yellow, orange, pink and brown – which come together in visual compositions charged with psychological associations. For me, colour is not just a visual element, it's also a language that communicates sensations, memories and states of mind. Just as Matisse said he gave shape to colour, I also see myself in this gesture of turning colour into sensitive matter, into living form. And in doing so, I create relationships that are not only aesthetic, but also emotional and critical. I don't follow harmonious rules or rigid colour systems – chance is part of this visual dynamic, challenging the idea of right and wrong, of liking and disliking. Colour is closely linked to childhood memories and is, for me, a space of freedom.

Sara e André

Não temos uma relação particular com a cor. A única coisa relevante a assinalar é talvez o facto de discordarmos recorrentemente na denominação das cores. Onde a Sara vê castanho o André vê roxo. Onde a Sara vê verde o André vê amarelo. Onde a Sara vê azul o André vê verde. E por aí adiante. Supostamente é uma qualidade que a Sara herdou da mãe e, discutindo em família, chegou-se ao cúmulo de afirmar que o género feminino tem maior capacidade de ver e distinguir cores. Algo que uma pesquisa online veio incrivelmente corroborar. O género masculino também tem atributos e particularidades no que toca à visão, todavia não os vamos referir pois não têm a ver com cor.

Mónica de Miranda

Em relação às cores, o verde é a cor que escolho, associação aos solos, ecologia e paisagem. A cor é um ponto de entrada nos temas da obra, pois carrega em si sentimentos, cargas afectivas e psicológicas, abrindo a dimensão cromática, uma relação afectiva e cultural.

Sara e André

We don't have a particular relationship with colour. The only relevant thing worth mentioning is perhaps the fact that we often disagree on the names of colours. Where Sara sees brown, André sees purple. Where Sara sees green, André sees yellow. Where Sara sees blue, André sees green. And so on.

Supposedly, it's a trait that Sara inherited from her mother, and after much debate within the family, we came to the conclusion that women have a greater ability to see and distinguish colours. Something that, incredibly, online research has corroborated. Men also have attributes and particularities when it comes to vision, but we won't mention them here as they have nothing to do with colour.

Mónica de Miranda

When it comes to colours, green is the colour I choose, as it is associated with the earth, ecology and landscape. Colour offers a window into the themes of the work because it carries feelings, emotional and psychological charges, opening up the chromatic dimension, an emotional and cultural relationship.

MÓNICA DE MIRANDA, PH. © STUDIO MÓNICA DE MIRANDA

